

# X SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

05 a 06 de Maio de 2022

## O ABUSO SEXUAL INFANTIL POR LÍDERES RELIGIOSOS: DIÁLOGOS PSICANALÍTICOS ENTRE FERENCZI, LAPLANCHE E COHEN

Daniela Milaré Polachini, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Rafaela de Oliveira Rocha, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Glaucia Valeria Pinheiro de Brida, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: dani.milarepolachini@gmail.com;  
ra114451@uem.br

**Palavras-chave:** Silenciamento. Desmentido. Equivalente incestuoso. Tabu. Psicanálise.

### INTRODUÇÃO

Diante da alta incidência no Brasil do abuso sexual infantil no contexto religioso, que embora é de grande relevância, mas ainda pouco explorado, a presente pesquisa tem por objetivo investigar os possíveis impactos no desenvolvimento psíquico de mulheres que sofreram abuso sexual na infância por um líder religioso, bem como repercussões futuras do abuso. Assim, por meio desta pesquisa buscamos promover a visibilidade dessa problemática no contexto científico e social, como uma forma de enfrentamento, visto que, a violência sexual está em 4º lugar entre os principais tipos de violação, trata-se de uma violência silenciosa e pouco abordada em decorrência dos diversos tabus que a engloba. Além disso, buscou-se fazer reconhecer a criança como portadora de subjetividade e dar à ela voz ao sofrimento por meio de uma nova perspectiva, já que devido ao fato de ser um abuso cometido por líderes religiosos, conta com aspectos que contribuem com o silenciamento devido as suas especificidades, bem como outros aspectos explorados ao decorrer da pesquisa, como o equivalente incestuoso, a sobreposição de aspectos transgressores, a confusão de línguas, o desmentido, o trauma, a comoção psíquica e progressão traumática, a identificação com o agressor e culpa, inconsciente e consciente, assimetria de poder e tabu do incesto.

Compreendemos que o abuso intrafamiliar é classificado como incestuoso, portanto, é proferido pelo sujeito que possui um vínculo familiar com a vítima, que não necessariamente compartilha de vínculos consanguíneos, mas que exerce um papel de cuidador ou responsável da criança que abusa, assim, a violação ocorre na relação familiar. Porém, quando abordamos a problemática do abuso sexual que ocorre por líderes religiosos, ainda que não se trate de relações familiares proibidas pelo incesto, são consideradas transgressoras, conforme descrito por Cohen (1999):

Socialmente, existem outras relações nas quais se espera uma assimetria de funções, como por exemplo: médico-paciente, chefe-funcionário, professor-aluno, etc... Nestas, existem funções assimétricas e complementares pré-estabelecidas e um relacionamento sexual entre tais parceiros caracterizaria uma perversão destas funções. (COHEN, 1999).

Observamos, portanto, que o abuso sexual entre uma criança e um líder religioso, além da assimetria adulto-criança, há uma perversão ou transgressão da função religiosa que pode ser descrita como equivalente incestuoso, pela ocupação do papel simbólico desse líder, até

# X SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

05 a 06 de Maio de 2022

mesmo por ser porta-voz do símbolo religioso máximo e se caracterizar como um “pai” de todos, assim como percebemos ao buscar o sentido etimológico da palavra padre, também utilizada para designar os líderes religiosos, sendo derivada do latim “pater” e significando “pai”, segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Outro aspecto dessa relação a se considerar é a de assimetria de poder entre a criança e o adulto, muito mais extremada, levando em conta a posição hierárquica desse líder.

A partir disso, buscou-se descrever o abuso sexual infantil perpetrado por líderes religiosos, enfatizando os sinais apresentados pela criança, bem como as providências/reações tomadas pela família. Além disso, a fim de compreender as características do abuso em questão, realizamos uma comparação com o abuso incestuoso a partir do conceito de equivalente incestuoso de Claudio Cohen, de forma a diferenciar dos outros tipos de abuso.

A presente pesquisa possui um caráter qualitativo e exploratório valendo-se do método psicanalítico de investigação, sendo realizada a partir da análise de entrevistas e relatos de mulheres abusadas por líderes religiosos na infância. O levantamento dos relatos foi feito por meio de uma busca realizada na plataforma Google utilizando as palavras-chaves: “pedofilia”, “líder religioso”, “abuso sexual infantil”, “religião”, “entrevistas” e “relatos”, e a fonte dos dados são as matérias de jornais online encontradas nos últimos cinco anos, veiculadas pelos sites El País, Uol, O Tempo e G1, que apresentavam entrevistas e relatos de mulheres contando casos em que sofreram abuso sexual cometidos por líderes religiosos no período da infância. Diante disso, como procedimento de análise, foi realizada uma “leitura flutuante” das entrevistas e em seguida os dados foram sistematizados em categorias de análise, a fim de identificar os elementos que caracterizam o sofrimento psíquico decorrente do abuso. As categorias foram analisadas à luz da teoria de Sándor Ferenczi, Cohen e Laplanche, no que diz respeito aos conceitos de o equivalente incestuoso, a sobreposição de aspectos transgressores, a confusão de línguas, o desmentido, o trauma, a comoção psíquica e progressão traumática, a identificação com o agressor e culpa, inconsciente e consciente, assimetria de poder e tabu do incesto.

## RESULTADOS/DISCUSSÃO

Foram analisadas quatro entrevistas de mulheres que sofreram abuso sexual infantil perpetrado por líderes religiosos na infância, da Damares, Ana Paula, Silmara e Daniele, sendo que nos últimos três casos, o abusador era o mesmo líder religioso, Dinamá. Os dados dessas entrevistas foram sistematizados em duas categorias de análise, uma primeira, denominada inserção do líder religioso na comunidade, que nos revelou como o desamparo espiritual e a situação de vulnerabilidade socioeconômica deixada pelo Estado propícia um espaço para que o líder se insira como uma figura paterna mediada por Deus, visto como uma forma de suprimir essas lacunas realizando, então, a sedução da família, e a segunda, denominada o momento do abuso e suas consequências imediatas e posteriores, em que foram identificados marcadores sobre a violência em si, assim, contatou-se que enquanto crianças, na percepção do momento do abuso em que a maioria não entende realmente o que era uma prática sexual, sentiram medo, culpa, vergonha, entre outros elementos que são introjetados do agressor, além de ser observadas ameaças por parte dos abusadores para se valer do silenciamento, que em casos como o de Damares e Silmara, até mesmo propiciaram ainda mais um amadurecimento precoce, pois as ameaças direcionadas à família fizeram com que tivessem que se portar de forma a assumir o papel adulto de proteção aos entes queridos, outro

## X SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

05 a 06 de Maio de 2022

movimento observado foi o de maior vulnerabilidade e exposição após o primeiro abuso, que nos casos de Damares e Daniele serviram como pretexto para a tentativa de um segundo abuso, pois é como se houvesse uma autorização ao abusar a partir do primeiro momento, outro ponto a ser levantado é que em todos os casos houve medo de contar a situação para os pais, por ameaça de sofrerem uma dupla, ou tripla desautorização, também é importante ressaltar que em relação aos sofrimentos expressos à longo prazo, Daniele, Ana Paula e Silmara revelam falta de confiança com homens, não gostar de contato físico, carinho ou afeto e pessoas com as mesmas feições do agressor, mas o mais importante a ser destacado é que o agressor continua operando a curto e longo prazo pela internalização da vítima.

O abuso sexual infantil perpetrado por líderes religiosos é um equivalente incestuoso que se assemelha ao abuso intrafamiliar. Porém, ao decorrer da pesquisa, observou-se que o tipo de abuso em questão possui características específicas que nos permite diferenciá-lo do abuso intrafamiliar e dos demais tipos de abuso. No que diz respeito às semelhanças com o abuso intrafamiliar, identificamos que assim como este o abuso cometido por um líder religioso ocorre com uma alta frequência porque o líder religioso é alguém que se alia à família e conquista sua confiança. Além disso, em ambos os casos ocorrem uma confusão de línguas entre adultos e crianças, bem como o silenciamento, desmentido e o tabu. Todavia, a dinâmica entre esses elementos no abuso cometido por um líder religioso se apresenta de tal forma que lhe garante uma especificidade de extrema relevância no que diz respeito ao reconhecimento e enfrentamento desse tipo de abuso.

Com relação às especificidades desse tipo de abuso, foi possível observar uma característica importante sobre a via de acesso à criança pelo abusador. Diferente do abuso intrafamiliar, no abuso perpetrado por um líder religioso, a sedução e a confusão de línguas ocorrem primeiramente com a família que funciona como um facilitador de acesso à criança. Isso ocorre de tal forma que o abusador conquista a confiança de todos os membros da família e da comunidade, o que gera nele mesmo uma segurança para praticar os abusos, sem que estes sejam descobertos ou denunciados pela criança.

Em algumas situações, tal como constatamos nesta pesquisa com no caso dos abusos cometidos por Dinamá, a própria família está em uma situação de vulnerabilidade, sobretudo socioeconômica, decorrente de um descumprimento do pacto social por parte do Estado - assim, quando o líder religioso entra em cena, a família dirige a ele uma ternura que também é respondida com ternura, mas nesse caso, uma ternura celestial, o que indica o desamparo espiritual além carência econômica. Então, primeiramente o líder responde com ternura à família, que em seguida busca por amparo na religião, em Deus e, conseqüentemente, na figura de um líder religioso que de certo modo é tido como uma forma de “amenizar” as carências, assim, cria-se um cenário propício para que ocorra o abuso sexual infantil com silenciamentos, desmentidos e desautorizações ainda mais drásticas, vista a sedução que é feita da família, deixando a criança extremamente vulnerável, além da colonização de línguas que causa um impacto tão grande na credibilidade da criança, ainda mais desmentida por alguém tão prestigiado.

No que diz respeito ao tabu, pensando na própria etimologia da palavra concluímos que ele possui um duplo aspecto: a proibição e a exaltação. Ou seja, o termo é definido como algo sagrado, e por ser sagrado, divino, que não pode ser tocado pois deve permanecer imaculado, mas ao mesmo tempo, pode significar algo impuro, perigoso ou imundo. Assim, o tabu por si só desmente a criança vítima do abuso sexual pela imagem sagrada dos “homens de Deus”, que os remetem como pessoas exaltadas, mas proibidas, e, portanto, o líder não pode ser enfrentado por ser enviado por Deus.

## X SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

05 a 06 de Maio de 2022

Ademais, em relação aos aspectos transgressores, identificamos por meio da presente pesquisa que a principal marca deixada tanto pela diferença de idade quanto pela posição hierárquica é a introjeção, isso se fez muito claro quando o enfoque direcionado ao líder religioso mostrou a diferença/desigualdade de autoridade que possui, porque não é algo que se reduz apenas à criança, mas afeta a família, assim, quando inconscientemente ou conscientemente a figura do líder é reconhecida como sagrada e ele é percebido como "homem de Deus", há uma execução de poder muito maior, afetando um núcleo de pessoas que deveriam proteger a criança, mas são as primeiras a serem seduzidas, logo, a introjeção se faz presente porque visto o poder que o líder exerce não há outra alternativa a não ser se submeter ao desmentido, ao silenciamento e à desautorização. Além disso, na criança ocorre um amadurecimento precoce tal como é apresentado Ferenczi (1933/1992) e que reflete na vida adulta como uma sensação de infância perdida. A criança, então, na impossibilidade de direcionar os sentimentos decorrentes do abuso ao objeto causador do sofrimento, ou seja, ao agressor, ela introjeta-o como forma de defesa, de modo que todos esses sentimentos se voltam para ela mesma sendo o principal deles o sentimento de culpa. A partir disso, é possível perceber também que, apesar de já serem adultas, existe um sentimento de medo de que os abusos aconteçam novamente. Um medo ainda infantil que se caracteriza pela sensação de impotência vivenciado na época do abuso

Logo, foi possível constatar que a situação traumática gerada pelo abuso perpetua na vida dessas mulheres na forma de algo não superado, que acarreta em sofrimento. As saídas encontradas para lidar com esse sofrimento podem assumir um caráter mais passivo expresso em sentimentos de medo, falta de confiança e uma recusa da religião. Ou um caráter mais ativo como no caso da Ministra Damares que se tornou uma líder religiosa, algo que pode ser entendido como organizador para lidar com a culpa decorrente do abuso. Porém, é importante ressaltar que embora sejam saídas para que o sofrimento seja expresso, não parecem realizar o papel de elaboração da situação vivida e dos sentimentos enfrentados, para que isso seja possível, é preciso que haja a saída da posição de desautorização para a autorização de sentir e falar.

Portanto, ao refletirmos sobre os possíveis enfrentamentos nesse tipo de abuso compreendemos que o fenômeno do abuso sexual infantil cometido por líderes religiosos é agravado pelo tabu que concerne a figura do líder religioso enquanto um ser da ordem do divino. Esse fator contribui com o pacto de silenciamento que ocorre dentro do contexto familiar, social, científico e no âmbito de instituições religiosas, que agem como cúmplices ao acobertarem os abusos. Uma das grandes dificuldades desta pesquisa foi a falta de estudos científicos acerca deste tema que, possivelmente, pode ser um reflexo desse pacto de silêncio em torno do tema. Este contribui ainda mais para que esse tipo de abuso continue ocorrendo e para que as vítimas continuem sendo acometidas pela desautorização e culpa. Concluimos ainda, como fator determinante, a via de acesso pela família, característica desse tipo de abuso, as lacunas e desamparo emocionais, espirituais, econômicas e socioculturais, em que o líder se utiliza do sofrimento daqueles que deveriam proteger a criança para ganhar confiança e se valer do abuso. Logo, o primeiro passo em direção ao enfrentamento do abuso sexual perpetrado por líderes religiosos, é romper com o pacto de silêncio que o permeia em todos os contextos. Dessa forma se torna possível dar voz e espaço às vítimas. Esperamos que esta pesquisa seja um passo nessa direção e que novos estudos surjam a partir disso, visto que, um limite do qual nos deparamos foi a impossibilidade de realizar pesquisa de campo, dependendo de material produzido por terceiros.

# X SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

05 a 06 de Maio de 2022

## Referências

COHEN, Cláudio. O incesto. In: AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane N. de A. (org.). **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FEDERAL, Governo. **Balanco - Disque 100**. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/aceso-a-informacao/ouvidoria/balanco-disque-100>. Acesso em: 06 maio 2021.